

REFLEXÕES SOBRE A AQUISIÇÃO DA LECTOESCRITA

Autora: Pamela Cristina Freitas Nunes
Co-autora: Maria Angélica Gomes Maia¹
Orientadora: MSc. Maria Angélica Gomes Maia¹

¹ Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP, Faculdade de Educação e Arte - FEA, Rua Tertuliano Delphim Júnior, 181, Jardim Aquarius, São José dos Campos/SP - E-mails: pam_cfn@yahoo.com.br.

Resumo- Este artigo tem como objetivos verificar e discutir as práticas da aquisição da lectoescrita desenvolvidas no período inicial de alfabetização por meio dos estudos da Psicogênese da Língua Escrita, com crianças de 4 à 10 anos, sendo alunos da Educação Infantil ao Ensino Fundamental e adultos no Nível I e II de Educação Fundamental do EJA - Educação de Jovens e Adultos, todos da rede Municipal de Ensino da cidade de São José dos Campos – SP. A análise foi realizada por intermédio de pesquisa de campo com os alunos acima citados, identificando por meio de diversos suportes e portadores textuais os conhecimentos que eles traziam acerca dos mesmos buscando identificar e avaliar a hipótese ou nível da escrita em que se encontravam, fazendo um contraponto com os estudos da evolução da escrita apontada pela Psicogênese. Construiu-se o embasamento teórico a partir dos pressupostos de Ferreiro e Teberosky (1999), Azenha (1994), dentre outros autores que teceram considerações sobre a alfabetização e a evolução da criança quanto as hipóteses de escrita.

Palavras-chave: Hipótese, escrita, alfabetização, psicogênese, construtivismo
Área do Conhecimento: Ciências Humanas – Educação

Introdução

Este trabalho teve início após ter sido requisito obrigatório da disciplina “Alfabetização e Letramento”, ministrada pela Prof^a Msc. Maria Angélica Gomes Maia, no 4^o semestre do curso de graduação de Pedagogia.

Esta pesquisa tem como objetivos verificar, discutir e comprovar a teoria da Psicogênese da Língua Escrita, com crianças de 4 à 10 anos, sendo alunos da Educação Infantil ao Ensino Fundamental e adultos no Nível I e II de Educação Fundamental do EJA - Educação de Jovens e Adultos, todos da rede Municipal de Ensino da Cidade de São José dos Campos – SP. Nesse contexto a pesquisa procurou aprofundar na alfabetização inicial e investigar o contexto histórico da escrita, sua função e suas definições, já que para poucos importa ter uma ampla visão de ensino.

Ensino este, que muitas vezes insiste em reduzir a História, omitindo fatos e conceitos, e também o ensino da língua à aquisição do código da escrita, desta forma negando ao aluno o direito à voz, a conquista da expressão autônoma e da interpretação reflexiva. (Dias, M. A. L – 2007)

Construiu-se embasamento teórico a partir dos pressupostos de Piaget, Emilia Ferreiro, Ana Teberosky e Maria Azenha, dentre outros autores.

Sendo assim foi possível desenvolver

conceitos referentes as hipóteses da escrita de acordo com os autores citados.

Para Ferreiro e Teberosky (1999), a criança busca a aprendizagem na medida que constrói o raciocínio lógico e que todo o processo do desenvolvimento da escrita e da leitura passa por níveis de conceitualização que caracterizam as hipóteses da escrita.

No livro Psicogênese da Língua Escrita, Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, definem cinco hipóteses de escrita da seguinte forma:

- Hipótese Pré-Silábica
- Hipótese Silábica Sem Valor Sonoro
- Hipótese Silábica Com Valor Sonoro
- Hipótese Silábico-Alfabética
- Hipótese Alfabética

Metodologia

O material utilizado para análise foram fichas com espaços para que alunos escrevessem o que lhe fosse solicitado da forma que soubessem, sem nenhuma intervenção.

Foi elaborado dois tipos de fichas, uma para crianças de 4 à 10 anos e outra para alunos de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do nível um e dois, ambas foram elaboradas em papel A4 (210 x 297 mm), no modo retrato, este foi dividida em 8 retângulos da seguinte forma:

Tabela 1 – Ficha para 4 anos à 10 anos

DESENHO DA FAMÍLIA
NOME COMPLETO E IDADE
COMIDA PREFERIDA
DESENHO PREFERIDO
POR QUE É IMPORTANTE LER E ESCREVER
BRINQUEDO PREFERIDO
O QUE QUER SER QUANDO CRESCER
EU GOSTO DE _____

Tabela 2 – Ficha para alunos do EJA 1 e 2

DESENHO DA FAMÍLIA
NOME COMPLETO E IDADE
COMIDA PREFERIDA
O QUE DESEJA CONQUISTAR
PROGRAMA QUE GOSTA DE ASSISTIR
O QUE PRETENDE APÓS O TÉRMINO DO EJA
O QUE GOSTA DE FAZER
PORQUE É IMPORTANTE LER E ESCREVER

Para dar início a pesquisa, Três escolas da rede municipal de ensino foram visitadas, sendo a primeira de Educação Infantil, onde coletamos dados com as crianças de 4 à 5 anos de idade, estas foram escolhidas pelas professoras aleatoriamente e levadas a uma sala reservada para preencher a ficha.

A segunda escola coletamos dados com os alunos de 6 à 10 anos de idades, todos também foram escolhidos pelas professoras de forma aleatoriamente e encaminhados a um espaço externo e calmo da escola, assim completaram a tabela individualmente.

Na terceira escola, os alunos estudados, foram do Ensino de Jovens e Adultos do nível 1 e 2, nesta as professoras não escolheram nenhum aluno, mas informou a toda a sala sobre a

pesquisa e solicitou espontaneamente que um deles participassem da pesquisa.

Após esta etapa, todos os alunos foram analisados e classificados nas hipóteses segundo Emilia Ferreiro e Ana Teberosky.

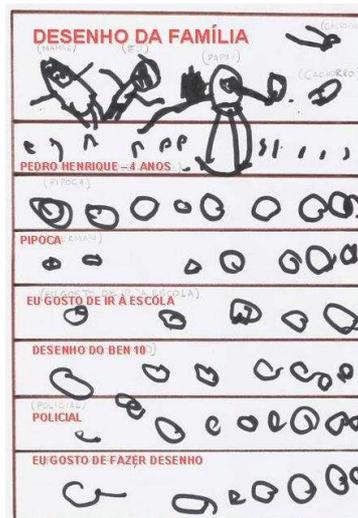
É válido ressaltar que cada hipótese possui suas características, porém não são determinantes, assim a criança pode estar em uma hipótese com características da hipótese anterior.

Pré-Silábica Icônico (Nível I) – “Escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica da mesma” (Ferreiro e Teberosky – 1999, p. 193)

Nesta hipótese a criança reproduz traços típicos da escrita, podendo ser na forma cursiva com grafismo ligado entre si com uma linha ondulada ou em formas de imprensa com grafismos separados compostos de linhas curvas, nesta fase cada criança interpreta apenas sua própria escrita. A escrita possui características semelhantes, o que não impede de uma mesma escrita ter mais de um significado.

Outra característica desta hipótese é a criança fazer correspondência figurativa entre a escrita e o objeto referido, as crianças neste nível possuem certa dificuldade de se referenciar as atividades de escrever e desenhar, o desenho funciona como uma garantia, já que o que não é escrito é desenhado.

Azenha (1999), declara que para o infante: “O desenho é uma clara estratégia da remissão ao conteúdo registrado.”



O exemplo acima é de um indivíduo que não possui conhecimento das letras do alfabeto e tenta escrever suas idéias com desenhos, sendo assim uma criança pré-silábica icônica.

Pré-Silábica (Nível II) – A característica principal deste nível é a tentativa sistemática de criar diferenciações entre os grafismos produzidos. (Azenha – 1994, p. 66)

Outras característica marcante, é quanto a hipótese de quantidade de caracteres e a necessidade de varia-lós, mas por ainda não terem um repertório de letras amplo, acabam utilizando um mesmo grupo de letras.

Azenha, (1994, p. 67). A autora mostra alguns exemplos caracterizando esta hipótese, dentro deles o de Barbara de 5 anos.

IEAFL = DIRETORA
LEIFI = ESCOLA
EIAFE = CLASSE
PIELF = GIZ
IEAEIEFL = A CRIANÇA FOI NA ESCOLA

Barbara, faz uso de apenas seis letras, mas faz o máximo de combinações possíveis.

Silábico Sem Valor Sonoro - Neste nível a criança passa por uma grande evolução, pois deixa de ver a escrita como forma global e passa a identificá-la com sistematização silábica.

Azenha, (1994, p. 72). A autora mostra alguns exemplos caracterizando esta hipótese, dentro deles o de Henrique de 6 ano, 8 meses e 28 dias.

HENRIQUE = Escrita do próprio nome.

V A D E
↓ ↓ ↓ ↓
ma ri nhei ro

O F T
↓ ↓ ↓
gi gan te

A S H Z
↓ ↓ ↓
na vi o

Para Azenha (1994, p. 74), Henrique, de 6 anos e 8 meses, escreve as palavras marinheiro, gigante e navio, fazendo corresponder a cada sílaba oral uma das letras escritas. No entanto,

não utiliza as letras com o valor sonoro convencional.

Silábico Com Valor Sonoro - Nesta hipótese a criança procura atribuir valor sonoro a cada uma das letras que faz parte da escrita.

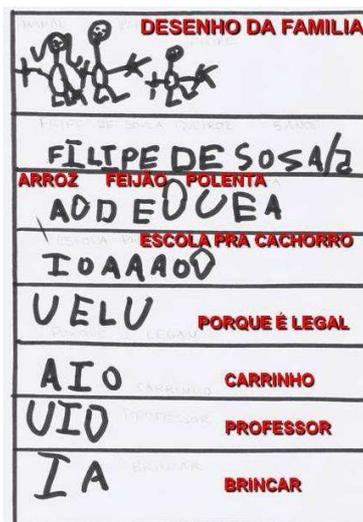
Azenha (1994), A criança cria a estratégia de atribuir a cada letra ou marca escrita o registro de uma sílaba falada. O saldo qualitativo representado por esta estratégia leva a criança à superação global entre a forma escrita e a expressão oral, sendo assim, pela primeira vez, se trabalha com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala.

Filipe, de 5 anos é uma das crianças estudada na escola de educação infantil, e é também um exemplo de uma criança silábica com valor sonoro, já que reconhece os fonemas das letras.

Quando Filipe escreve CARRINHO, sendo seu brinquedo preferido ele reproduz essa escrita da seguinte forma:

A I O
↓ ↓ ↓
CA RRI NHO

Este exemplo fica nitido o reconhecimento fonético apenas das vogais, mas caracteriza Filipe como uma criança na hipótese silábica com valor sonoro.

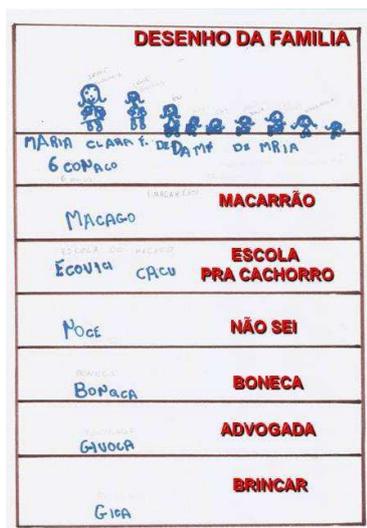


Silábica alfabética – Neste nível ocorre a passagem da hipótese silábica para alfabética, sendo assim a criança já possui dois conceitos: um relacionado à hipótese silábica e a obrigatoriedade da quantidade mínima de letras,

podendo desta forma ter conceitos básicos para a construção da escrita e da leitura.

Outra característica marcante é que por se tratar de um nível de transição a criança pode apresentar uma certa dificuldade para administrar as informações recebidas.

No próximo exemplo, Maria Clara, de 6 anos e 8 meses, está da fase de transição da hipótese silábica para alfabética.



Quando peço para Maria escrever o nome de seu brinquedo preferido ela representa da seguinte forma na ficha:

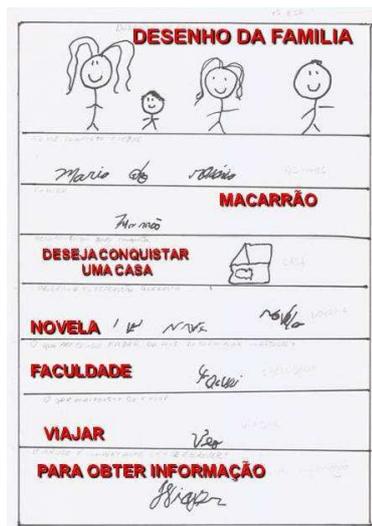
BO N QCA
 ↓ ↓ ↓
 Bo ne ca

Neste momento ela se apresenta como Silábica-alfabética. E quando pergunto a Maria o que ela gosta de fazer, ela me responde:

G I CA
 ↓ ↓ ↓
 Br in car

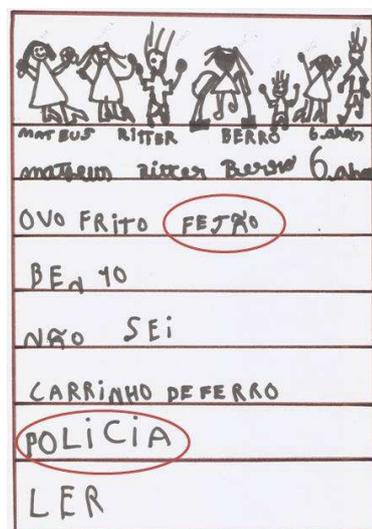
Neste momento, Maria se apresenta como silábica, assim foi possível comprovar sua face de transição.

No exemplo a seguir, Mario de Rosário de 45 anos, aluno do EJA, também se encontra em face de transição do silábico para o alfabético.

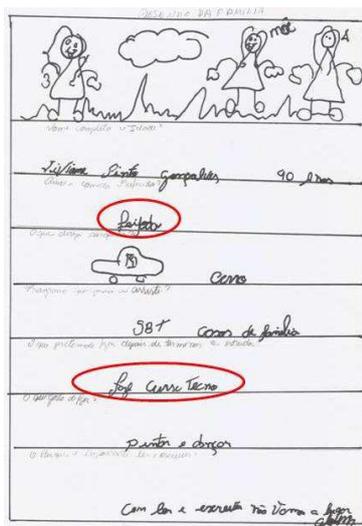


Alfabetica – Este é o último estágio da evolução da escrita, neste a criança já compreende que para cada caractere da escrita existe um valor sonoro correspondente, tendo assim uma sistematização acima da silábica. Esta característica, faz com que a criança seja capaz de realizar uma análise sonora dos fonemas, antes mesmo de escrever uma palavra.

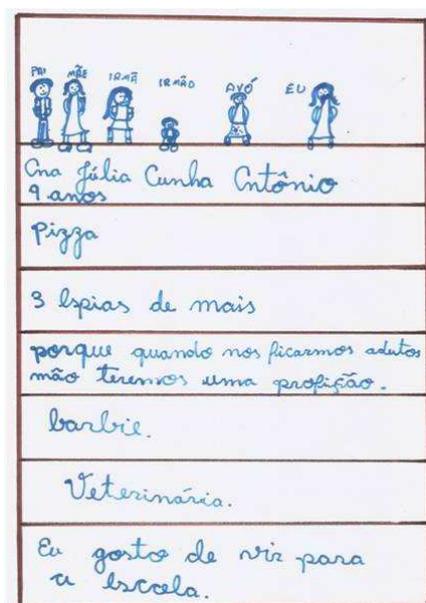
Mesmo no nível alfabético a criança pode apresentar erros ortográficos, como no exemplo abaixo:



Matheus, de seis anos e 10 meses é uma criança na hipótese alfabética, no entanto possui alguns erros ortográficos, como os das palavras em destaque.



Viviane, de 40 anos, aluna do EJA, é um exemplo do nível alfabética, apresenta graves erros ortográficos, mas possui a siatematização da língua escrita.



Ana Júlia, de 9 anos e 6 meses, também está no nível alfabético, porém não apresenta erros ortográficos.

Resultados

Todos os dados foram analisados de acordo com os níveis de aquisição da escrita segundo Ferreiro e Teberosky (1994).

O Pedro Henrique de 4 anos, encontra-se na hipótese pré-silábico icônico, apresentando garatujas, não possui conhecimento das letras do alfabeto.

Filipe de 5 anos, encontra-se na hipótese silábica, mas já reconhecendo alguns fonemas, principalmente das vogais.

Maria de 6 anos e Mario de Rosário de 45 anos, estão na face silábica-alfabética, pois há momentos em que escrevem uma letra para representar a sílaba e há momentos em que escrevem a sílaba completa apresentando maiores dificuldades nas sílabas mais complexas.

Matheus, de 6 anos e Viviane de 40 anos, encontram-se na hipótese alfabética, apresentam erros ortográficos, faltando apenas apropriar-se das convenções ortográficas principalmente nas sílabas mais complexas, mas compreendem a sistematização da língua escrita.

Ana Júlia, de 9 anos, está alfabética, compreende perfeitamente a construção da escrita, não apresentando erros ortográficos.

Discussão

Nota-se que hoje o foco da educação está na aprendizagem da construção da língua escrita, no entanto é necessário ter conhecimento da existência de que existem várias teorias, mas é preciso comprová-las, com esta linha de pensamento surgiu esta pesquisa afim de estudar, discutir e analisar o início da alfabetização, é preciso fornecer meios para que a albatetização se inicie.

Cabe ressaltar, segundo Ferreiro e Teberosky (1999), que não é o ambiente que alfabetiza, nem tampouco o fato de pendurar coisas escritas nas paredes que produz um efeito alfabetizador, e que nenhuma criança entra na escola regular sem nada saber sobre a escrita, e que o processo de alfabetização é longo e trabalhoso para todos, não importa a classe social.

É necessário acreditar que todos no processo de alfabetização, passam por etapas, por hipóteses, cada uma delas possuem significados diferentes, cada uma delas traz informações importantes para o desenvolvimento da escrita.

Conclusão

Os estudos de Ferreiro e Teberosky proporcionaram aos educadores e pesquisadores da área uma nova concepção e percepção da alfabetização como uma atividade complexa e que se constrói pela ação do indivíduo.

Conclui-se que quanto mais um individuo possui a oportunidade de vivência significativa com a escrita e com a leitura e que quanto mais este se envolve em atividades onde tenha que pensar sobre a escrita como objeto social de conhecimento, fruto de um processo histórico,

onde ele seja levado a criar, pensar, ler e escrever textos que realmente circulem no contexto social letrado, maior será o seu desempenho e sucesso como leitor e escritor. Dentro deste contexto é que Ferreiro permitiu, por meio de sua pesquisa, a valorização dos conhecimentos prévios trazidos pelo sujeito aprendiz no início de sua escolarização, assim as hipóteses da escrita por ela estudada apontam os erros construtivos por qual passa o aluno no início do processo de alfabetização.

As experiências realizadas por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, confirmam a hipótese inicial da investigação a qual “todos os conhecimentos supõem uma gênese” (Ferreiro e Teberosky, 1999, p. 260).

Com base no estudo que fora feito ao longo deste artigo, acredita-se que faz-se necessário a todos os professores e profissionais da área, conhecer todo o processo de aquisição da escrita, a fim de que evitem alguns equívocos que interferem no processo de ensino-aprendizagem da alfabetização.

É certo, que a teoria da Psicogênese da Língua Escrita de Emília Ferreiro não se insere como a única e infalível teoria com a proposta de alfabetizar e compreender como um todo a língua e a escrita, porém a aplicabilidade de sua teoria no processo da alfabetização nos revela a preocupação dos educadores em encontrar alternativas menos mecânicas que ajam significativamente no processo da construção da escrita e da leitura, já que assim se estará respeita todas as faces da escrita que uma criança passa quando está sendo alfabetizada. Esta busca será sempre constante, já que o dinamismo das transformações a que o mundo se submete nos impulsiona a esse processo de busca.

Referências

- AZENHA, Maria da Graça. **Construtivismo: de Piaget a Emília Ferreiro**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.

- DIAS, M. A. L. **Relação entre a língua escrita e consciência história em produções textuais de crianças e adolescentes** – USP- São Paulo – 2007

- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Liechtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.

- FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**.

24ª ed. atualizada. São Paulo: Cortez, 2001

- TFOUNI. Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 8. ed. – São Paulo, Cortez, 2006.